



O discurso na rede eletrônica e o Google: o movimento LGBT em destaque

Discourse of the internet and the Google: attention to the LGBT population

Gustavo Grandini Bastos¹
Dantielli Assumpção Garcia²
Lucília Maria Abrahão e Sousa³

Resumo: A proposta desse artigo é apresentar uma discussão acerca do funcionamento discursivo do Google, focando o período no qual o *site* era alterado com o uso de palavras relacionadas ao universo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT). A alteração na página do Google, observada no final do mês de junho de 2013, ocorreu em virtude das mudanças nas condições de produção decorrentes de transformações políticas nos Estados Unidos (EUA) – alteração na constitucionalidade da lei *Defense of Marriage Act* (DOMA). Após a declaração da inconstitucionalidade da lei DOMA, como uma forma de comemoração, o Google passou por alterações em sua caixa de pesquisa homenageando assim o movimento LGBT. Como analistas do discurso, nosso interesse é pensar como o discurso produz efeitos e afeta as relações dos sujeitos com os sentidos e com os outros sujeitos. Dessa forma, observamos como o funcionamento da rede eletrônica passa por alterações, que são materializadas em alterações no formato do *site*, quando temos outras condições de produção em funcionamento.

Palavras-chave: discurso, LGBT, sujeito, sentido, rede eletrônica.

Abstract: In this article aims at analyze effects the meanings found by a search in the Internet through the Google search engine, focusing on the period in which the site was changed with the use of words related to the universe of Lesbians, Gays, Bisexuals, Transvestite and Transsexuals (LGBT). Change in the conditions of production of the site, observed of June 2013 was due to political changes in the United States of America (USA), because alteration Defense of Marriage Act (DOMA) Law. After the declaration of unconstitutionality of DOMA Law as a form of celebration, Google has changes in search box so honoring the LGBT movement. By means of French Discourse Analysis, we sought to track production effects of relation at subject and meaning. Thus, we observed how the operation of the internet goes through changes when you have other conditions of production.

Keywords: discourse, LGBT, subject, meaning, internet.

¹Doutorando em Psicologia pela FFCLRP/USP. Membro do E-L@DIS – Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). E-mail: gugrandini@uol.com.br. End: Av. dos Bandeirantes, 3900 - Monte Alegre. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto, SP – Brasil.

² Pós-doutoranda na FFCLRP/USP. Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pesquisadora do E-L@DIS – Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). Bolsista FAPESP. E-mail: dantielligarcia@gmail.com. End: Av. dos Bandeirantes, 3900 - Monte Alegre. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto, SP – Brasil.

³ Livre-Docente em Ciências da Informação e da Documentação. Profa. do Curso de Graduação em Ciências da Informação e da Documentação e Programa de Pós-Graduação em Psicologia, ambos da FFCLRP/USP. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFSCAR. Coordenadora do E-L@DIS – Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). Bolsista CNPQ. Bolsista FAPESP. E-mail: luciliamsr@uol.com.br. End: Av. dos Bandeirantes, 3900 - Monte Alegre. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto, SP – Brasil.

Na rede eletrônica, os sujeitos-navegadores circulam por inúmeras páginas ali existentes e que englobam temáticas variadas, nas quais o contato com discursos e sujeitos-navegadores inscritos em contextos sócio-históricos e ideológicos distintos é constante. Em relação ao digital, funciona discursivamente como naturalizada a ilusão de que o acesso a tudo é possível e que todos os arquivos estão disponíveis, bastando estar conectado à máquina, não levando em consideração distinções de ordem financeira, social e tecnológica envolvidas nesse processo.

O Google é um espaço privilegiado para análises sobre o funcionamento da linguagem na rede eletrônica. O *site*, criado em 1998, foi assim nomeado por seus fundadores Larry Page e Sergey Brin por ser um trocadilho com a palavra “googol” o termo matemático que refere-se ao número 1 seguido por cem zeros, tendo relação com a proposta da página que é a de trabalhar com a grande quantidade de informações existentes e disponibilizadas na rede eletrônica, sendo hoje o buscador mais utilizado no mundo (FARIA, 2012; GOOGLE, 2013). Salientamos que, ao discutirmos o Google como espaço discursivo, não abordamos qualquer página da rede eletrônica, mas o *site* como um todo, o qual detém espaço nas discussões econômicas, tecnológicas e políticas, produzindo efeitos na memória de quem utiliza seus serviços e, em inúmeros momentos, sendo retomado como exemplo máximo das transformações informacionais e tecnológicas observadas na/pela rede eletrônica.

Para pensarmos o funcionamento da linguagem na rede eletrônica, adotamos os pressupostos analíticos, metodológicos e teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD). O *corpus* selecionado para este artigo é composto por imagens do Google, resultantes de buscas realizadas no *site* no final do mês de junho de 2013. No Google, foi pesquisada uma série de palavras relacionadas ao universo LGBT, o que possibilitou observar as mudanças de condição de navegação da página.

A mudança do *site* não ocorreu de maneira aleatória, mas em decorrência de alterações na legislação promovidas pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos que declarou a inconstitucionalidade da lei federal *Defense of Marriage Act* (DOMA), aprovada e sancionada em 1996, a qual negava aos casais homossexuais os mesmos direitos dos heterossexuais e definia casamento como a relação entre homem e mulher. Ao considerarem a DOMA ilegal, os juízes permitem que os casais homossexuais tenham acesso aos mesmos benefícios e direitos matrimoniais dos casais heterossexuais.

A equiparação entre relações de heterossexuais e homossexuais permite uma mudança de inscrições de discursos e sentidos sobre uma série de questões, como o amor, o casamento e os homossexuais na sociedade norte-americana, já que novos discursos e sentidos são postos em circulação e juridicamente aceitos. Logo, os sujeitos têm outras (novas) condições de produção acerca dos grupos LGBT, assim como sentidos que passam a ser compreendidos e aceitos no espaço social, pois outras relações afetivas e sexuais passam a circular como passíveis de serem classificadas como relações matrimoniais. A mudança política que envolve todo esse processo afeta as relações sociais e a própria maneira como os sujeitos que não são heterossexuais atribuem sentidos a si mesmos.

O entendimento aplicado pela lei DOMA, na qual relações entre casais homossexuais não eram reconhecidas como equivalentes a dos casais heterossexuais, não é exceção no mundo. Existem registros de práticas discriminatórias contra os homossexuais em inúmeras sociedades e contextos sócio-históricos, o que naturalizou os sentidos de que ser homossexual é algo errado, ligado ao pecado, à doença, ao crime e à imoralidade (BORRILLO, 2010; MOTT, 2001, 2006; SOARES, 2005).

A legitimação do sentido de que as relações amorosas e/ou sexuais devem ser heteronormativas gera uma série de processos que buscam excluir dos mais variados campos (amoroso, jurídico, religioso, etc.) outras possibilidades de relacionamentos. Com a mudança na legislação, outros discursos e sentidos são postos em jogo, motivados por mudanças que dialogam com reivindicações de uma série de grupos que buscam romper sentidos estabilizados para inscrever e fazer circular outros discursos e novas significações ao movimento LGBT. A mudança que tornou a lei DOMA inconstitucional foi celebrada por uma série de empresas e instituições, entre elas, o Google que, para comemorar a decisão, promoveu o seguinte evento: a caixa de pesquisas sofria transformações quando eram buscadas palavras, em inglês, relacionadas ao universo LGBT começando por ficar envolta nas cores do arco-íris. Isso permite estabelecer a relação com discursos outros, com a memória discursiva que nos oferece condições de associarmos essa transformação a esses sujeitos, já que historicamente, essas sete cores estiveram relacionadas aos dizeres de reivindicação dos homossexuais.

A alteração do espaço de busca do Google e sua comemoração contra a DOMA inscrevem sentidos que acreditamos serem interessantes para analisarmos a partir da perspectiva da Análise do Discurso de filiação francesa (AD). Nesse sentido, para

efetuarmos nossas análises e refletirmos sobre as mudanças que ocorreram no funcionamento da página após a votação favorável aos LGBT nos EUA, trabalharemos com as noções conceituais de formação discursiva (FD), memória discursiva, paráfrase e polissemia. Compreendemos que o bojo teórico da AD fornece condições para pensarmos como a tecnologia interfere na relação dos sujeitos com os discursos, as informações e a rede eletrônica, na qual existe o ideal de acesso total a todos e a tudo. Algo da ordem do ilusório, mas que é periodicamente retomado nos discursos sobre a rede (GALLI, 2008), chama a atenção. A globalização e o discurso de que o mundo é um lugar único e plenamente integrado ganha força na contemporaneidade, como se todos tivessem acesso aos mesmos mecanismos de contato com essa enorme rede internacional. Essa naturalização da conexão total não ocorre e a AD busca questionar esse sentido em circulação que pretensamente (o)corre no mundo.

A modificação da página do Google é marcada pelo político, pela filiação a determinados sentidos e não a outros, nos quais o preconceito contra os LGBT e o não respeito aos direitos humanos são vistos com estranhamento. A ideologia, entendida na perspectiva discursiva como um mecanismo de produção de evidências, que nos diz como as coisas são e como não são (PÊCHEUX, 1997), aponta para o funcionamento do discurso e a inscrição dos sentidos no espaço da rede eletrônica. Dessa maneira, não é qualquer evento, de qualquer lugar, que é comemorado no ciberespaço, mas o relativo às mudanças ocorridas no país mais rico do mundo e do qual o Google faz parte. Outro efeito que nos chama a atenção é o de (a)parecer natural o enlace entre as diferentes regiões do mundo. Isto marca o entendimento de que vivemos unidos, em um mesmo mundo, no qual a tecnologia proporcionaria a plena integração entre os mais variados e distintos sujeitos. Na rede, o acesso aos discursos seria o mesmo para todos, ou seja, é como se todos os sujeitos tivessem acesso aos mesmos arquivos e às mesmas regiões de memória, desconsiderando que não são todos os sujeitos que têm acesso a elas.

O sujeito, ao ocupar determinada posição discursiva, possui condições de relacionar-se com os discursos e inscrever sentidos sobre tudo o que o cerca, lidando com os pré-construídos, com dizeres anteriores, inscritos em outros enunciados e situações, podendo formular interpretações, inscrever sentidos e estabelecer elos com os outros sujeitos (PÊCHEUX, 2010). Nesse processo, parece evidente que associar as cores do arco-íris, como fez o Google, permite estabelecer relações com o movimento

LGBT. Esse jogo é possível pela relação com os implícitos, que “estão ‘ausentes por sua presença’” (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

A constituição da memória é possível pela repetição, processo no qual temos a produção do efeito de convencimento, de produção de evidências, em que parece óbvio que algo só possa ser relacionado a determinados sentidos e não a tantos outros. Inscrever outras formas de ler determinado enunciado parece fugir do que é aceito como evidente, rompendo, assim, com a paráfrase e a ilusão de que os sentidos inscritos devam ser os mesmos para todos. O rompimento com o que é estabilizado marca o acontecimento, afetando a constituição da memória discursiva, já que, por meio dele, é possível a ocorrência da quebra do que era esperado, inscrevendo outros sentidos no espaço discursivo (PÊCHEUX, 2010). Para refletirmos sobre as rupturas produzidas, analisaremos como corpus recortes retirados e selecionados do Google que passam a circular na rede a partir da alteração na lei DOMA.

Consideramos que a memória não pode ser identificada como algo pronto, como se os sentidos estivessem estocados, prontos para serem acessados, lidos, interpretados, de maneira plena, sem furos, nos quais haveria um espaço de plenitude, sem confrontos em que todos os sujeitos interpretariam da mesma forma. Compreendemos que a memória discursiva é um espaço polêmico, de divisões e confrontos permanentes, entre o diferente e o mesmo (PÊCHEUX, 2010). É pelas condições propiciadas pela memória, que o sujeito tem condições de realizar a leitura dos discursos e conseguir estabelecer interpretações, escapando da literalidade e indo além na relação com os discursos. É por conta da memória que o sujeito consegue significar, atribuindo relações com enunciados e sentidos inscritos anteriormente, independentes do discurso que é interpretado no momento (ROMÃO, 2009).

A produção de outros sentidos, na relação com o mesmo enunciado, é passível de ocorrência. O sentido não é dado, não está pronto para ser decodificado, pode sempre ocorrer acontecimentos que rompem com as repetições. Do mesmo modo que, dependendo da formação discursiva na qual o enunciado está inscrito, teremos outras produções de sentidos, por isso o sentido sempre pode ser outro, mas nunca qualquer sentido. A compreensão de que temos alterações de sentidos dependendo de quais formações discursivas estão inscritos os enunciados marca a impossibilidade de pensarmos que a relação discursiva é mera troca informacional, já que é um processo marcado pela tensão entre os sujeitos envolvidos, no qual a memória discursiva afeta as relações dos sujeitos com os sentidos (PÊCHEUX, 1997).

A produção dos sentidos é afetada pela posição discursiva ocupada pelo sujeito, já que a palavra, em diferentes contextos e inscrita por sujeitos em posições discursivas distintas, pode acarretar a inscrição de sentido(s) outro(s). A FD pode ser compreendida como o que, em um dado contexto sócio-histórico, define o que pode e deve ser dito. O sentido é afetado por meio da inscrição do discurso em uma determinada FD e não em outra(s), o que interfere na forma como o(s) sentido(s) são produzido(s). Por meio do entendimento da noção de FD, é possível compreender que o sentido não se encontra colado à determinada palavra, todavia, que o sentido deriva da FD a qual o sujeito está filiado (ORLANDI, 2007). Como exemplo, registramos a ocorrência de casos em que determinada situação discursiva possui sentidos distintos para diferentes sujeitos. O beijo, exemplificando, entre pessoas do mesmo sexo em uma manifestação de rua produz leituras discordantes entre o ativista homossexual e o homofóbico.

O discurso não é produzido de forma automática, sempre há a relação com a memória discursiva, com os discursos anteriores para que seja possível dizer (PÊCHEUX, 1997). Desse modo, a FD interfere no que pode ser dito em dada posição discursiva ocupada pelo sujeito, resultando em determinadas inscrições discursivas. O jogo entre dizer e silenciar é organizado pelos movimentos da FD e da memória discursiva, visto que é pela repetição que se torna possível o entendimento da relação entre determinado sentido e a formação discursiva na qual o enunciado e/ou o sujeito estão inscritos. Por isso, é que temos o estranhamento a determinados discursos em determinados momentos ou quando inscritos por sujeitos que ocupem determinadas posições (INDURSKY, 2011). Nesses termos, é preciso reforçar que o sentido possui relação com determinada FD, o que resulta na produção de diferentes sentidos dependendo de qual formação ele esteja inserido. O sentido é observado nas relações que são estabelecidas no interior de uma mesma FD. Por isso, o sujeito não determina o sentido de suas palavras, visto que ele está relacionado com a FD em que o sujeito se inscreve para dizer (INDURSKY, 1997). A constituição da memória discursiva é marcada pela relação entre o diferente (polissemia) e o mesmo (paráfrase), provocando tensão nas relações que envolvem a linguagem (ORLANDI, 2007), visto que não existem limites definidos separando a paráfrase e a polissemia.

A paráfrase é compreendida como a volta ao mesmo, por meio de distintas formas de inscrição, nas quais ocorre a retomada de dizeres já sedimentados, trabalhando com a repetição do que produz efeitos na memória e permite a

estabilização, enquanto a polissemia joga com o outro, o equívoco, já que temos os deslizamentos e a produção de sentidos não esperados (ORLANDI, 2007). Por meio da tensão entre dizer diferente e repetir, o sujeito movimenta-se e inscreve sentidos em suas relações discursivas. Assim, o sentido sempre é passível de ser outro, de escapar do que é proposto ou entendido como exato.

Pensando esses conceitos frente ao corpus deste artigo, refletimos acerca da polissemia e de como temos outro passeio pelo espaço discursivo do Google com a mudança da página durante a manifestação de apoio aos LGBT. Ao depararem-se com tal mudança, o inesperado integra o processo de navegação dos sujeitos, afetando, assim, esse percurso de navegação, uma vez que sujeitos contrários aos direitos dos LGBT, ao usarem expressões ligadas a esse universo, em inglês, acionavam essa modificação no Google, produzindo uma espécie de ‘homenagem’ ao movimento LGBT. Mesmo sem desejarem, ao navegarem por condições técnicas específicas, os efeitos de sentidos sobre o movimento são colocados em circulação na rede, afetando os resultados de pesquisa e a própria página.

Gesto(s) de leitura no Google: o universo LGBT

A discussão teórica promovida permite avançarmos para a análise do *corpus*. Nosso material de análise é composto por seis telas⁴ que indicam a alteração da barra de pesquisa do Google de acordo com a busca por termos relacionados ao universo LGBT.

Interessa-nos analisar o funcionamento da tecnologia, especificamente, a rede eletrônica, além de diretrizes de ordens técnicas, relativas a aspectos como o tamanho ou a potência da rede. Nosso interesse envolve pensar o seu funcionamento discursivo, bem como a relação dos sujeitos-navegadores com essas páginas. Propomos discutir como se dá a relação do sujeito-navegador frente ao acontecimento discursivo – alteração na página do Google – como novos gestos de navegação e condições de leitura e interpretação ocorrem, inscrevendo o diferente na busca por resultados na relação do sujeito com a máquina. Pela memória discursiva, o sujeito pode nortear-se em relação a suas pesquisas, especificamente, para a obtenção de resultados que alterem o formato da barra de pesquisa. Para isso, é necessário o uso de termos específicos relacionados ao universo LGBT. Assim, é preciso que o sujeito-navegador tenha acesso ao já-lá – memória sobre a inconstitucionalidade da lei –, aos termos em inglês que possuem

⁴ Realizamos o *print screen* de telas contendo a busca com o uso de palavras ligadas ao universo LGBT em inglês e português. A pesquisa foi realizada no dia 27 de junho de 2013.

relação com esses sujeitos LGBT e que tenham relevância para que a mudança técnica ocorra. Como no trabalho do mágico, para que a mudança aconteça, é necessário ter acesso às palavras certas para que o truque funcione, mas, nesse caso, a magia só foi visível por um tempo determinado.

Com as Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs), os sujeitos estabelecem novas formas de relações com a produção de discursos e sentidos. Em seus movimentos pela rede eletrônica, o sujeito inscreve sentidos, realizando interpretações durante todo o seu processo de navegação, já que não há como escapar da sina de interpretar, ela faz parte das necessidades do sujeito e, no processo de significar, o sujeito constitui-se (ORLANDI, 2007). Entendemos que, a cada vez que o sujeito passeia pelos espaços discursivos da rede eletrônica, existem singularidades nesse processo, com gestos distintos e peculiares, envolvendo sentidos sempre passíveis de serem outros. Esse processo não é diferente em relação ao Google, já que os resultados procurados (sempre) podem ser outros, o que antes estava disponível deixa de ser acessível ou muda de formato, como no *corpus* analisado, em que a estrutura da página afeta os gestos de busca por informações ou como ocorre nos momentos em que o sujeito realiza a mesma pesquisa em máquinas distintas (FARIA, 2012).

Destacamos que a navegação na rede eletrônica é algo singular, marcada pela impossibilidade do sujeito tudo acessar (arquivos, documentos, *links*, etc.), apesar de tal ilusão ter sido legitimada nos discursos da/sobre os espaços discursivos da internet. As condições sócio-históricas envolvidas nesse processo nunca são idênticas, assim como o sujeito sempre ocupa outras posições discursivas quando se aventura pelas teias ali existentes (ROMÃO, 2004). Do mesmo modo, a atualização constante de conteúdos, a retirada de material da rede e a mudança de equipamento desvelam outros resultados em buscas empreendidas pelos sujeitos-navegadores.

No caso analisado, não temos mais acesso as condições para mudança da barra de pesquisa, pois o período para que a alteração fosse realizada já passou, faz parte da memória sobre o buscador, mas não é mais acessível. A execução dos procedimentos para que a mudança da barra de pesquisa aconteça não produz mais resultados, porque estamos em outro contexto sócio-histórico, envolvendo outras condições de produção, que não são mais aquelas. O que persiste é a memória desse acontecimento, algo que está arquivado em infinitas outras páginas, nas quais temos o já-lá, os discursos que inscrevem o apoio do Google aos homossexuais.

A mudança das cores da caixa de pesquisa não ocorria de forma automática. Era parte de um processo restrito aos que buscassem palavras relacionadas ao universo LGBT. A necessidade do uso de termos específicos demandava que o sujeito-navegador tivesse acesso a tais termos, recorrendo ao já-lá, ao que é compreendido como naturalmente conhecido por quem tem acesso aos dizeres e eventos importantes relacionados aos LGBT. A partir das escolhas, assegura-se a visualização do posicionamento do Google – em defesa ao movimento LGBT – com a transformação do sistema de pesquisa. Ressaltamos novamente que as condições de produção e o contexto sócio-histórico afetam a produção discursiva, uma vez que o contato com as novas configurações do *site* apenas é possível com o uso dos termos em inglês, como é possível observar nas figuras a seguir:

Figura 1: Busca no Google pela palavra “Homossexual”



The image shows a screenshot of a Google search interface. At the top, there is a navigation bar with links for '+Você', 'Pesquisar', 'Imagens', 'Mapas', 'Play', 'YouTube', 'Notícias', 'Gmail', 'Drive', 'Agenda', and 'Mais'. Below this is the Google logo and a search bar containing the word 'homossexual'. To the right of the search bar are icons for keyboard and voice search, and a blue search button. Below the search bar, there are tabs for 'Web', 'Imagens', 'Mapas', 'Shopping', 'Vídeos', 'Mais', and 'Ferramentas de pesquisa'. The search results are displayed below, showing approximately 3,860,000 results in 0.30 seconds. The first result is from Wikipedia, titled 'Homossexualidade – Wikipédia, a enciclopédia livre', with a URL 'pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade'. The second result is from Wikcionário, titled 'homossexual - Wikcionário', with a URL 'https://pt.wiktionary.org/wiki/homossexual'. The third result is from Dicionário inFormal, titled 'Homossexual - Dicionário inFormal', with a URL 'www.dicionarioinformal.com.br/homossexual/'.

Fonte: Figura coletada pelos autores.

Figura 2: Busca no Google pela palavra “Lésbica”



Fonte: Figura coletada pelos autores.

Observamos nessas figuras a não ocorrência da mudança na barra de pesquisa, mesmo os termos tendo relação com a FD do universo LGBT, visto que as palavras não estão em inglês, não dialogam com o que é relacionado pelos administradores da página para que tal alteração ocorra. Na figura abaixo, temos a mudança da página, com o uso do termo em inglês:

Figura 3: Busca no Google pela palavra “Gay”



Fonte: Figura coletada pelos autores.

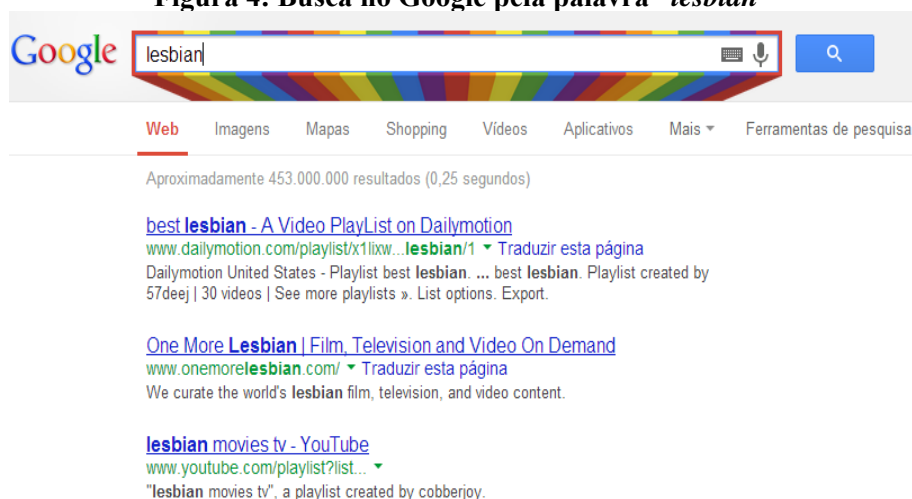
A busca pela palavra “gay” marca a mudança do formato da caixa de pesquisa, desvelando sentidos outros durante a pesquisa e permitindo que o sujeito adentre outras redes discursivas. Para que haja essa mudança técnica, envolvendo o campo de pesquisas da página, é necessário que haja o uso de palavras relacionadas ao universo LGBT. Por meio da inscrição na memória discursiva do movimento LGBT, é que o sujeito-navegador obtinha condições para realizar as alterações técnicas no *site*. O contexto sócio-histórico também emerge na ação de mudança dessa ferramenta, já que a inconstitucionalidade da DOMA tem relação com o contexto político dos EUA. Como já salientamos, para que a mudança do *site* ocorra, a busca/pesquisa deve ser realizada em inglês. O que nos chama a atenção para os efeitos de sentidos que essa inclusão resulta, já que a pesquisa, utilizando palavras relacionadas ao universo LGBT, não produz efeitos na mudança da página. Da mesma forma que a busca com palavras em outros idiomas também não produz efeitos. Ressaltamos que a mudança na página não ocorre por qualquer motivo, mas por conta do fato histórico. O sentido nunca é qualquer sentido, pois “é histórico que se mantém. Os sentidos e os sujeitos poderiam ser sujeitos ou sentidos quaisquer, mas não são. Entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a análise de discurso” (ORLANDI, 2002, p. 69). As leis afetam diretamente a vida dos sujeitos, no caso da DOMA, ela tinha o poder de excluir sujeitos da sociedade negando direitos básicos, impedindo que relações não a de casais heterossexuais fossem amparadas pelo Estado, reforçando os sentidos de exclusão, aos quais a comunidade LGBT é exposta desde muito tempo.

Com a mudança no formato do *site*, temos a ruptura com o que era esperado, com o que estava estabelecido, afetando o processo de leitura dos sujeitos e sua relação com a produção dos sentidos. Romper com a paráfrase resulta em outros movimentos por parte dos sujeitos, assim, como a volta à forma antiga do *site* produz consequências na relação dos sujeitos com a realização das pesquisas, com a leitura do *site* e com a forma de navegação do sujeito pela rede.

Identificamos as marcas do ideológico e político no processo de constituição da página, pois, ao marcar sentidos de apoio aos LGBT, temos marcas de aceitação e a inscrição de sentidos de questionamento do preconceito praticado contra esses sujeitos. Esses sentidos não são vistos como legitimados. Busca-se, desse modo, fazer funcionar outros dizeres que marcam a comemoração do fim da DOMA e constituem uma posição ao sujeito LGBT que funciona na sociedade.

Explicitamos que a busca por palavras relacionadas ao universo LGBT em inglês apresenta a mudança das cores da caixa de pesquisa, mas que os resultados são distintos, dependendo do computador no qual a busca é realizada, já que os fatores relacionados com as condições sócio-históricas envolvidas nas buscas afetam nos resultados obtidos. Podemos observar isso nas figuras 2 (“lésbica”) e 4 (“lesbian”). Cada experiência no contato com a rede eletrônica é distinta, é única. Assinalamos que a atualização das informações na rede eletrônica é frequente, produzindo nos resultados dos sujeitos marcas outras, indicações variadas sempre em construção. Nas figuras abaixo, temos a mudança das caixas de pesquisa, decorrente da busca com termos que propiciam essa alteração:

Figura 4: Busca no Google pela palavra “lesbian”



Fonte: Figura coletada pelos autores.

Figura 5: Busca no Google pela sigla “LGBT”



Fonte: Figura coletada pelos autores.

Visto que não é qualquer evento que altera a transformação do *site*, na figura 6, analisamos a mudança da página com a busca de Stonewall Inn⁵, evento que trabalha com uma memória discursiva sobre o movimento homossexual. Esse evento, dentre tantos outros, adquire relevância e é entendido como indispensável para ser listado entre os termos que alteram as configurações do *site*. Nesse jogo, observamos o funcionamento da ideologia. Nesse processo de legitimação do que deve, ou não, ser compreendido como relevante e é identificado dessa forma pois repercute, ecoa uma memória do movimento LGBT. O silenciamento de outros eventos relacionados ao universo LGBT desvela que houve uma escolha na listagem de resultados que permitam a mudança de configuração da caixa de pesquisa do *site*. Nesse jogo entre esquecer e retomar são produzidos sentidos ao movimento.

Pela ação da ideologia, ocorre a legitimação de determinados eventos e não de tantos outros possíveis. Isso evidencia que determinado acontecimento é recuperado e opera a mudança de funcionamento do *site* de buscas. A memória discursiva funciona de forma que a interpretação torna-se possível, já que é necessário haver esse eco, esse já-dito para que a interpretação seja possível. Salientamos que, ao buscarmos por “Stonewall Inn”, nos filiamos ao entendimento de que esse é um evento que provocaria uma mudança da caixa de pesquisa do *site*, uma vez que é um evento relevante para o universo LGBT e, portanto, passível de afetar as condições de uso do *site*.

Figura 6: Busca no Google pela palavra “Stonewall Inn”



Fonte: Figura coletada pelos autores.

⁵ No cenário do final da década de 1960 (1969), temos um acontecimento histórico, a Revolta de Stonewall, evento marcante para os homossexuais norte-americanos, pois a partir dele é que eles passaram a não aceitar passivamente as agressões e o preconceito, inclusive os da polícia, influenciando os homossexuais de vários países a se unirem e lutarem contra o preconceito. Trata-se de um evento relevante na luta pelos direitos dos homossexuais nos EUA e no mundo (SEDGWICK, 2007).

Destacamos que a ordem na qual os resultados aparecem não é aleatória. As páginas indicadas são apresentadas de acordo com uma série de questões, como a quantidade de acessos a determinado *site* ou o entendimento de que o conteúdo tem relação com as buscas que o sujeito realiza no buscador e na máquina utilizada para tal empreendimento. Ressaltamos que o ato da busca no Google envolve o discurso da precisão e da técnica aos termos, da indicação do tempo para a realização da pesquisa e da quantidade de resultados obtidos a cada inserção no *site*, como observado em todas as figuras apresentadas (“0,26 segundos” [figura 4]; “0,31 segundos” [figura 5]; “Aproximadamente 3 860.000 resultados” [figura 1]; “Aproximadamente 4 180.000 resultados” [figura 2]). Observamos a precisão em jogo sendo apresentada como marca do processo de pesquisa do *site*. Não se trata de qualquer resultado, mas de algo que foi apurado e que, pretensamente, atende as expectativas de quem utiliza o *site*, já que engloba uma quantidade significativa de respostas, na casa dos “milhões”, ao que foi proposto. O tempo rápido de resposta, medido sempre em “segundos”, marca o entendimento de capacidade, potência e velocidade envolvendo o *site*, tendo relação com o discurso tecnológico de plenitude que circula na atualidade.

O ideal de que a rede eletrônica tudo possui, tudo oferta, todos abriga não é recente (GALLI, 2008; ROMÃO, 2006). Esse discurso é normalmente repetido a exaustão por inúmeros sujeitos, nas mais variadas posições e, ao abordarem o Google, essa noção ganha força, visto que seu uso não cessa de crescer e seus efeitos de sentido não cessam de produzir (re)formulações, já que os resultados nunca são alguns, mas sempre muitos e rapidamente reunidos. No discurso tecnológico, a potência é elemento importante para mensurar a eficiência do processo, do aparato técnico. Nesse sentido, ao ganhar relevância na página de resultados do Google, o tempo e a velocidade, nos quais os resultados são recuperados, são inscritos como aspectos fundamentais para os administradores da página e para os próprios sujeitos-navegadores que fazem uso de sua estrutura na busca de saciar suas questões. A apresentação desses dois pontos não é aleatória, ela é da ordem do político, trata-se de um aspecto que é entendido como importante de ser apresentado juntamente com a lista dos resultados.

A quantidade imensa de páginas apresentadas como resultado da pesquisa, na casa dos milhões, demonstra como há conteúdo significativo acerca de temas ligados ao universo LGBT. Destacamos que esse imenso arquivo sobre cada um dos temas

procurados é atualizado constantemente e esse volume continua crescendo. Os arquivos sobre tais temáticas não cessam de crescer. Ao buscarmos na página do Google, temos como resultado discursos variados sobre os LGBT, de aceitação ou não, mas que são recuperados com a pesquisa na página. Nesse sentido, o sujeito busca acessar os dizeres que tenham relação com seus interesses, inclusive, muitas vezes inscrevendo seus próprios dizeres nessas páginas, sejam de aceitação ou reprovação aos homossexuais.

Com o aporte teórico da AD, buscamos pensar como a rede eletrônica permite a inscrição de sentidos sobre a homossexualidade, o acesso a arquivos variados sobre questões inúmeras, colocando em jogo sentidos inscritos em outros contextos sócio-históricos, mas que, com a rede eletrônica, são postos em jogo como se fosse parte de um mundo único, globalizado, sem fronteiras. Contudo, para acessar o indicativo de mudança é necessário o conhecimento do evento que possibilitou a abertura a outros dizeres sobre o movimento LGBT, ou seja, ao que é legitimado como um evento de relevância no contexto norte-americano. Para que haja a mudança – a descoberta da tomada de posição da equipe do Google de apoio aos grupos LGBT – é preciso que o sujeito-navegador se inscreva em uma FD de interesse por busca dessas temáticas, para inscrever os sentidos sobre o tema (positivos, negativos, etc.). É necessário o discursivo para que ocorra uma mudança tecnológica. Como num passe de mágica, para acessar uma nova forma de navegar, é fundamental que haja o uso de outro idioma, não basta, como apresentado anteriormente (figuras 1 e 2), usar termos ligados ao universo LGBT, deve haver a filiação à FD na qual o evento comemorado ocorre, no caso, a mudança de uma lei nos EUA.

A modificação da lei nos EUA que perpetuava o preconceito contra os LGBT, já que só identificava como casais pessoas em relações heterossexuais, dialoga com dizeres de não aceitação dos homossexuais no Ocidente, nos quais a negação de direitos e discursos negativos sobre os sujeitos que não se enquadrem na relação heterossexual eram condenados, nos mais variados espaços, inclusive no dos dizeres jurídicos. A exclusão desses sujeitos no espaço jurídico é uma forma de fazer circular discursos de não aceitação de orientações sexuais diferentes da heterossexual, assim como de suas relações amorosas e sexuais, de modo que a inconstitucionalidade da lei DOMA nos EUA permite outros dizeres e condições de vivência, do amor e da sexualidade, por esses sujeitos.

Não basta desejar estar inserido na outra forma de navegação, na página outra. O sujeito-navegador deve saber acessá-lo, com os termos certos, na linguagem que

dialogue com a FD e no tempo adequado, já que aquela caixa só existiu por poucos dias. Dias depois, ela já não existia. Ela surgia apenas como imagem de reportagens sobre a homenagem do Google, mas inacessível para que fosse conferida no Google. Estar inscrito em FDs de apoio aos homossexuais não era passaporte para o acesso a essa nova forma de navegar na página do Google. Sujeitos inscritos em FDs de oposição às questões ligadas ao universo LGBT poderiam ter acesso a essa nova forma de navegação, mesmo sendo contrários a tais pontos, mas isso os obrigaria a inscrever questões em uma página que, naquele contexto, estava homenageando uma conquista desse grupo. Politicamente, o Google inscreveu-se discursivamente apoiando os homossexuais e tornando isso público, mas, para entender tal apoio, era necessário que o sujeito soubesse da existência do evento que declarou a inconstitucionalidade da lei DOMA e também que a memória sobre esse evento funcionasse, dessa forma, o sujeito entenderia os motivos de tais mudanças na configuração da página e o aparecimento do arco-íris na caixa de busca do *site*.

Destacamos que o apoio do Google aos membros de grupos LGBT não restringe que sejam recuperadas páginas que inscrevem sentidos de preconceito, de não aceitação do reconhecimento dos direitos dos homossexuais, mesmo em um espaço que mantém seus dizeres relacionados a uma FD de respeito aos direitos humanos e apoio à causa dos homossexuais. Ressaltamos que o mesmo ocorre em páginas nas quais são inscritos dizeres de apoio e aceitação aos homossexuais, em que sujeitos postam comentários de cunho homofóbico. Essa ruptura com o ideal de homogeneidade é quebrada, revelando-se o furo, a não identificação dos sujeitos com os mesmos sentidos. Em pesquisa anterior (MOREIRA; BASTOS; ROMÃO, 2012), observamos esse processo de busca pela homogeneidade em páginas da internet, nas quais ocorre a tensão quando se observa o rompimento e a inscrição de outras FDs sobre assuntos variados, produzindo o confronto entre posições discursivas contrastantes. A rede eletrônica é tecida nessa tensão da qual o discursivo é componente fundamental e se faz presente a todo o momento.

O acesso à memória discursiva não é o mesmo para todos os sujeitos, como a estabilização de sentidos não ocorre da mesma forma. Assim, o passeio do sujeito pelo espaço discursivo da rede eletrônica sempre é único, não linear, marcado pela heterogeneidade, como observamos neste texto, em que o discurso afeta o funcionamento, as condições de produção de exploração da página Google.

Considerações Finais

Ao pensarmos a produção de sentidos na internet, marcamos sua relação com o discursivo e o já-lá afetando as inscrições e os movimentos do sujeito em seu passeio pelas páginas da rede eletrônica, processo no qual o sócio-histórico se faz presente. O ato de comemorar a inconstitucionalidade da lei DOMA nos EUA escancara a posição política do Google, favorável aos direitos dos grupos LGBT, inscrevendo como legítimas as conquistas e as reivindicações desses sujeitos. Chama nossa atenção que a inscrição favorável aos LGBT não é inscrita em qualquer página, mas na de um dos *sites* mais acessados do mundo, ocupando espaço de poder e prestígio na sociedade contemporânea e inscrevendo os gestos de pesquisa sobre esses sujeitos em outras condições de produção.

Referências

- BORRILLO, Daniel. 2010. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FARIA, Daiana de Oliveira. 2012. *Efeitos de sentidos em sites de pesquisa: condições de produção do discurso eletrônico*. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- GALLI, Fernanda Correa Silveira. 2008. *(Ciber)espaço e leitura: o mesmo e o diferente no discurso sobre as “novas” práticas contemporânea*. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- GOOGLE. 2013. *Sobre o Google*. Disponível em: <<https://www.google.com.br>>. Acesso em: 28 nov. 2013.
- INDURSKY, Freda. 1997. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____. 2011. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.
- MOREIRA, Vivian Lemes; BASTOS, Gustavo Grandini; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. 2012. *Discurso homofóbico em blogs: tessituras da violência e(m) rede*. Calidoscópio, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 161-170, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/revistas/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2012.102.04>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- MOTT, Luis. 2001. *A revolução homossexual: o poder de um mito*. Revista USP, São Paulo, n. 49, p. 40-59, mar./maio, 2001.
- _____. 2006. *Homo-afetividade e direitos humanos*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 509-521, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a11v14n2.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. 2002. *Língua e conhecimento lingüístico*: para uma história das idéias no Brasil. São Paulo: Cortez.

_____. 2007. *Análise de discurso*: princípios & procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes.

PÊCHEUX, Michel. 1997. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. 2010. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. 3. ed. Campinas: Pontes Editores. p. 49-57.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. 2009. 2004. *Nós, desconhecidos, na grande rede*. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 71-91, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/302>. Acesso em: 12 mar. 2013.

_____. 2006. *O cavalete, a tela e o branco*: introdução à autoria na rede eletrônica. DELTA, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 303-328, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v22n2/a04v22n2.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2013.

_____. 2009. *Clarice Lispector - A hora da estrela*: o discurso no panfleto da exposição. TransInformação, Campinas, v. 21, n. 1, p. 77-87, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/520/500>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. 2007. *A epistemologia do armário*. Cadernos Pagu, Campinas, v. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. 2006. *A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

Data de Recebimento: 06/03/2014

Data de Aprovação: 15/09/2014

Para citar essa obra:

BASTOS, G. B, GARCIA, D, SOUZA, L. M. A. O discurso na rede eletrônica e o Google: o movimento LGBT em destaque. In: **RUA** [online]. 2014, no. 20. Volume II - ISSN 1413-2109. p. 33-50. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: Google Legalize Love. Disponível em <http://mashable.com/2012/07/08/google-gay-legalize-love/>.

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COCEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>